

AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DO TRABALHO DO IMIGRANTE EM *AMAR, VERBO INTRANSITIVO, UM IDÍLIO*, DE MÁRIO DE ANDRADE

Angela Maria Rubel FANINI⁵

RESUMO

Este artigo analisa as construções discursivas do universo do trabalho do imigrante, em *Amar, Verbo intransitivo de Mario de Andrade*. A abordagem se vale das reflexões de Marx (1986), Engels (1990), Lukács (1980) e Antunes (1990), advindas da Sociologia do trabalho e de Candido (1981, 1985), Bosi (1992) e Bakhtin/Voloshinov (1986) na linha sociológico-literária, procurando ver como o discurso literário andradiano constrói uma certa identidade para o trabalhador estrangeiro no Brasil. Focalizando-se, mormente, Elza, a personagem governanta alemã, percebeu-se que há mudanças significativas na recriação do universo laboral brasileiro do início do século XX, sendo o trabalho fonte de *status* e sociabilidade, revelando relações mercantis e impessoais, dentro de chave liberal-burguesa, sendo também metáfora para as novas configurações laborais e de identidade nacional no período da Primeira República.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; Romance; Universo do Trabalho; Análise Dialógica do Discurso; Mario de Andrade.

Introdução, contextualização do objeto e marcos teóricos

O trabalho e a tecnologia são condições essencialmente humanas e pertencem, em parte, às condições materiais de existência do homem. Desde as remotas eras, o homem procura alterar o seu entorno a fim de promover sua subsistência, procurando dominar a natureza, objetivando sobreviver. Essa luta com o meio natural se dá a partir do trabalho associado entre os homens e da produção de tecnologias. Nesse processo, o homem passa da condição de animal a ser social, criando para si uma “segunda natureza” que advém do trabalho e da tecnologia. Esse pensamento foi suficientemente explorado e analisado por vários antropólogos e para este artigo valemo-nos da obra de Engels (1990) para quem o trabalho é condição ontológica, ou seja, o homem só se constitui como ser social a partir do trabalho, diferenciando-se dos animais. Outro autor

⁵ Professora Dra. da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Endereço: Avenida Sete de Setembro, 3165, Rebouças, Curitiba, PR, CEP 80230-901. E-mail: rubel@utfpr.edu.br. Bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq.

que vê essa articulação é Lukács (1980) para quem o trabalho é da ordem material, porém, é partir dele que o homem manifesta sua capacidade de planejamento, sociabilidade e subjetividade. O trabalho, para o teórico húngaro é a “protoforma social”, sendo orientado por uma teleologia em que nitidamente se entrelaçam a questão material e a imaterial. O pensador enfatiza que é através da linguagem que o homem vai amadurecendo a sua capacidade de planejamento na ação laboral. Essa não é desprovida de reflexão no âmbito da linguagem. Assim, trabalho e linguagem adquirem fundamental importância na constituição do homem enquanto ser criativo e que modifica o seu entorno. A obra de Marx (1986), majoritariamente, é destinada às interpretações das contradições entre capital e trabalho, destacando neste, os reais sujeitos das mudanças políticas e econômicas para a construção de outro cenário social, demonstrando ser o trabalho coletivo e significativo e não alienado a condição de emancipação dos sujeitos. No campo dos estudos literários não temos material suficiente que explore o tema trabalho. Esta investigação se propõe a explorar essa articulação entre universo laboral e texto literário por intermédio de um prisma materialista da cultura, vinculando-se ao grupo de pesquisa “Estudos bakhtinianos”, estudando como a temática trabalho se formaliza em termos discursivos literários, pois o homem não só trabalha quanto escreve sobre a atividade laboral. Focalizaremos o romance de Mário de Andrade, *Amar verbo, intransitivo, um idílio*, perquirindo aí sobre a temática referida à luz da Filosofia da linguagem de orientação de Bakhtin e do Círculo.

Os estudos sobre as articulações entre Literatura e História, no Brasil, datam, mais especificamente do século XIX, com textos de José de Alencar, Machado de Assis, Sílvio Romero e Araripe Júnior,⁶ para citarmos apenas alguns que se debruçaram sobre essas interações. Alencar em vários escritos, mas sobretudo em prefácio a *Sonhos de ouro*, trata das fases da Literatura Brasileira, destacando a visão de literatura extensiva que visa a acompanhar e recriar o nascimento e implantação da nação. Já Machado (1971) em *Instinto de Nacionalidade*, mormente, faz a crítica a uma literatura somente de cor local. Assis apontava o papel do escritor “como homem do seu tempo e de seu país”. No entanto, segundo esse autor, essa ancoragem local não deveria limitar o alcance de uma temporalidade mais longa a que toda obra literária deve almejar. O escritor oitocentista critica o caráter descritivo majoritário de nossas letras e destaca a

6 Para uma síntese do pensamento crítico literário de Romero e Araripe, consultar Martins (1983).

necessidade de haver uma literatura mais analítica e reflexiva sobre o real. Silvio Romero, para quem a cultura brasileira é mestiça, apregoa o critério nacionalístico como valorativo de nossa formação literária. Para Romero são cinco os fatores envolvidos e articulados em nossa formação cultural e nacional: O português, o índio, o africano, a imitação da cultura civilizada europeia e o meio, constituindo uma sociedade miscigenada. Araripe, a partir de lentes deterministas, também enfatiza a ligação da literatura ao meio, inclusive, destacando a questão da *obnubilação* local, que já de início teria interferido na vida e visão portuguesas ao aqui aportarem. Nessa tradição, de se destacar o vínculo entre literatura e o local, encontra-se boa parte da crítica sociológico-estética que vem a se formar no século XX. Candido em *Formação da Literatura brasileira* (1981), enfatiza o caráter “interessado e empenhado” de nossas letras em dizer e retratar o real local. Já Bosi (1991) aborda, por exemplo, em *Dialética da colonização*, as duas matrizes fundantes de nosso universo cultural, a saber o humanismo e o mercantilismo, associados nesse período, expondo claramente a sua concepção materialista da cultura. Dentro dessa mesma orientação, a exemplo, temos a obra de Schwarz (2000) que trata, sobretudo, das contradições entre formas sociais e culturais importadas e seu desvio, deformação e alteração em solo nacional, exemplificando com textos literários. No século XX, no entanto, com os três autores referidos, há uma mudança de perspectiva haja vista que o discurso literário é tratado enquanto forma específica e não somente enquanto um reflexo da realidade. Afastam-se, portanto, de uma visão leninista de reflexo, negando a condição fotográfica da obra literária. Entretanto, esses estudos citados se orientam por uma concepção materialista da cultura, ou seja, fazem a ligação de diferentes maneiras, da linguagem literária com seu referente local, tendo, em parte, sua genealogia na crítica sociológica do século XIX. Este artigo se vincula a esse marco teórico, estudando a vinculação entre discurso literário e realidade local ao destacar as representações e recriações do universo laboral na Literatura Brasileira. O artigo faz parte de um projeto mais extenso que visa mapear como ocorrem nos séculos XIX e XX essa representação específica no discurso literário. O universo do trabalho é um dado externo à literatura, mas essa o recria por intermédio da linguagem artística. O homem não só trabalha como escreve, narra, disserta e elabora teses sobre o trabalho. Nosso objetivo é refletir como o discurso literário, em sua especificidade, reelabora, via palavra, o mundo do trabalho. No discurso da História, da Sociologia e da Economia, essa temática já tem uma tradição muito forte e cristalizada haja vista a vasta bibliografia encontrada tanto no cenário

nacional quanto internacional acerca do trabalhador. Entretanto, nas Letras, a temática é pouco explorada. Assim, justifica-se a pesquisa ao apresentar um objeto pouco lido nas Letras nacionais.

Ancorados nos filósofos da linguagem Bakhtin e Voloshinov (1986), de orientação materialista, entendemos que o “signo verbal reflete e refrata a realidade”. A literatura é, essencialmente, signo verbal. Ao estudarmos a obra literária, percebemos essa articulação entre realidade e ficção. A obra mantém uma relação orgânica com seu contexto imediato, mas também o transcende a partir da refração. Essa ocorre mediada pela visão de mundo e de literatura do escritor. Esse, quando recria a realidade, o faz em um certo sentido, recortando-a a partir de suas lentes que dependem de sua posição política, ética, moral e artística. Candido (1985) a vê sempre no sentido de “redução estrutural” em que os dados externos migram para o interior do texto, fazendo-se internos, recriando-se o externo formalmente e de maneira específica a cada escritor e época. O fazer literário, ou seja, os elementos composicionais é que são responsáveis por essa recriação. Toda obra é uma enunciação, respondendo a outros discursos e à sua época, mobilizando tanto o presente quanto o passado.

Diálogos em contraponto da obra *Amar, verbo intransitivo* e obras anteriores da Literatura Brasileira

Partindo dessa longa tradição crítica e dentro de um contexto de pesquisa maior, já referido, este artigo procura investigar como ocorrem discursivamente, na obra *Amar, verbo intransitivo, um idílio*, de 1927, de Mário de Andrade, as imagens do trabalhador brasileiro europeu. Sabe-se que no Brasil oitocentista, em decorrência da economia escravista, esse universo laboral foi desvalorizado. Trabalhar era labuta para escravos e a atividade os definia. Sendo assim, quanto menos se trabalhasse, mais se diferenciava do elemento cativo. Em países europeus e, sobretudo, no norte dos Estados Unidos já industrializado no século XIX, o trabalho vai sendo incorporado em sua positividade, ou seja, como elemento que dá o sustento material, a dignidade do homem e a sua liberdade. Já no Brasil, a partir de nossa formação escravista, o trabalho é entendido como uma pena. A exemplo disso, temos a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em que o trabalho é derogatório. Lembremos a máxima de

Machado de Assis, a partir de sua personagem Brás Cubas em que se afirma “...coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto”, explicitando, nessa pequena frase, via *redução estrutural* (Candido), todo um universo de expropriação do trabalho escravo e alheio. É a voz da elite dos barões, burocratas de alto escalão, comerciantes de escravos e donos de plantagens extensas que não trabalhavam, mas exploravam e gerenciavam o trabalho alheio, principalmente o escravo em uma economia essencialmente agro-exportadora e não industrializada. Em confronto a isso, já se vê na literatura, o trabalho sendo recriado em sua faceta de ascensão social e material. O trabalho árduo da personagem João Romão de Aluísio Azevedo em *O cortiço* também beneficia a sua trajetória ao baronato. Entretanto, a expropriação do trabalho escravo (Bertoleza é escrava) e do trabalhador formalmente livre (os operários da pedreira e as lavadeiras) é também fonte de ascensão para essa personagem. Essa faceta de ascenso material por intermédio do trabalho já se encontra dentro de um novo paradigma que está a adentrar o Brasil, ou seja, o ideário liberal-burguês em confronto com o ideário patriarcal e escravista. Esses exemplos nos trazem discursos de dois importantes escritores oitocentistas, demonstrando claramente que o trabalho é objeto discursivo em nossas letras.

Enfocaremos a partir daqui a recriação do universo laboral doméstico na literatura visto ser este o mais específico para a presente pesquisa. Apesar da sociedade escravista e escravocrata direcionar o trabalho, havia um trânsito bem complexo entre a casa-grande e a senzala. Freyre (1996) é um dos intérpretes do Brasil que se debruçou sobre essas relações⁷ a partir do campo da Antropologia cultural, recriando a vida dos

7 Em *Casa-grande & senzala*: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, o sociólogo se debruça sobre as relações sociais entre portugueses, índios e africanos, analisando-as do ponto de vista social e econômico. Dessa análise surge um conjunto discursivo sobre o *modus operandi* do colonizador português. Alguns escritores apontam para que Freyre generaliza a atitude de “democratização social” para todas as relações, envolvendo portugueses e escravos, não se dando conta que deveria delimitá-la para o escravo doméstico, exceptuando-se o do eito. Freyre destaca que os escravos domésticos eram selecionados com mais rigor e talvez por esse motivo eram tratados com mais consideração. Comungavam da intimidade dos senhores e isso gerava um tratamento melhor: “A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos mas o de pessoas da casa. Espécie de parentes pobres nas famílias européias. À mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Muleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como se fossem filhos.”(FREYRE, p.346). Freyre, no entanto, também relata a violência do regime escravista: “Mas não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioiôs e das iaiás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandigueiros. O banzo deu cabo de muitos, O banzo – a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal - entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se. Doenças africanas seguiram-nos até a o Brasil, devastando-os nas senzalas. E comunicando-se às vezes aos

sinhozinhos, sinhazinhas e escravaria, destacando, sobretudo, o escravo doméstico. Aí encontramos farto material sobre a relação da criadagem escrava com seu senhorio. Essa relação não é somente de dominação, crueldade e violência, mas também de negociação, afetividade e intimidade. Os africanos que saíam da senzala para viver na casa-grande eram os melhores dotados (física e mentalmente) e tinham certos privilégios visto que comungavam do cotidiano domiciliar e íntimo dos proprietários. A relação com os escravos do eito, no entanto, era muito mais violenta e impessoal. O escravo aí é, majoritariamente, reificado, visto e tratado como objeto. Na Literatura Brasileira há inúmeras obras cuja temática consiste nessa relação entre escravo doméstico e senhores de terras e escravos. As relações são de ordem complexa em que há toda uma gama de circunstâncias que vão da violência à amizade e intimidade. *Demônio familiar* e *Mãe*⁸ de José de Alencar e *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães são obras fundamentais para se investigar tais relações. Aí, o escravo figura como personagem central e não secundária. Nessas obras, o escravo relaciona-se com os proprietários a partir de uma diversidade de situações que vão da submissão, ódio e dependência ao amor, amizade e abnegação. Observa-se ainda a retratação do meio social atrelado a uma economia agroexportadora, escravista e de cultura escravocrata. É o Brasil do açúcar e, sobretudo, do café, em que os plantéis de escravos são a força majoritária do trabalho. Entretanto, a escravaria ocupa tanto a senzala quanto a casa-grande. Essas relações, inclusive, geram os filhos bastardos, os mestiços. Muitos desses se tornaram homens de prestígio e ascensão social no Brasil oitocentista. A mestiçagem

brancos das casas-grandes. A África também tomou vingança dos maus-tratos recebidos da Europa. Mas não foram poucas as doenças de brancos que os negros domésticos adquiriram; e as que se apoderaram deles em consequência da má higiene no transporte da África para a América ou das novas condições de habitação e de trabalho forçado. Trabalho forçado que nas cidades foi quase sempre em desproporção com a nutrição.” (Freyre:415).

8 A personagem Pedro em *Demônio familiar* é escravo doméstico e tem acesso à intimidade dos patrões. Essa relação, inclusive, o faz tomar atitudes que interferem diretamente na vida amorosa de seus proprietários. A personagem tem um papel central na fábula. Entretanto, a partir dos problemas que gera em decorrência de suas intervenções, o seu proprietário (Eduardo) decide libertá-lo e isso se faz quase como um castigo. A libertação, no entanto, dá-se como uma grande metáfora para a abolição da Escravatura. O escravo ganha a alforria, ficando à própria mercê, nada recebendo de seu antigo dono e tendo que se sustentar doravante. O trabalho escravo sofre um descarte. Em *Mãe*, temos a escrava doméstica (Joana) como progenitora do personagem principal (Jorge), reforçando-se a questão da mestiçagem e concubinato do senhor-de-escravos com a escravaria feminina. Aqui a família burguesa (a união de Jorge e Elisa) se dá pela venda da escrava e posterior, suicídio da mesma. A fábula remete à eliminação do escravo, revelando já uma nova configuração social em que a família burguesa se constitui já sem bases e vínculos escravistas. Em *Escrava Isaura* há a escrava doméstica que é amada pela proprietária, remetendo a situações extra-verbais históricas em que vários historiadores relatam a íntima e, muitas vezes, afetuosa relação entre escravos e senhores de escravos. Óbvio que a trama aí também desvela a violência, posse e usurpação do escravo.

é outro tema candente em nossas letras e história, comprovando-se essa intimidade entre escravo e proprietário.

A partir mormente de 1870 em diante, a sociedade brasileira inicia um processo de mudança muito grande, adentrando-se no país, cada vez mais, as ideias e práticas liberais-burguesas e com elas a discussão sobre a implantação da República, a Abolição da Escravatura e a vinda de imigrantes europeus para substituir o escravo tanto no trabalho do campo quanto da cidade. Aqui já se pensa em um processo de implantação de indústrias, afastando-se em parte, de uma economia majoritariamente voltada para a exportação de bens primários, o café, sobretudo. Para essa implantação é necessário o trabalho formalmente livre e o trabalhador mais qualificado. Esse será buscado na Europa onde já estava afeito ao trabalho fabril. Também se passa a questionar cada vez mais a formação do povo brasileiro e a sua identidade mestiça. Nesse momento, embasados em teorias deterministas,⁹ discute-se, mais a miúdo, a questão da degenerescência racial de modo sistemático. As teorias e os discursos do embranquecimento passam a ter voga e a vinda dos trabalhadores imigrantes resulta em uma solução para se enfraquecer a mestiçagem. Nesse contexto de problematização de nossas raízes africanas e de sua negação e de teorias deterministas raciais, surgem, na literatura, obras que problematizam essa questão, como *O Mulato* de Aluísio Azevedo que apresenta a não aceitação do mestiço, mesmo que este seja dotado de cultura letrada ocidental. Na literatura de orientação realista há já a tematização sobre a substituição dos empregados domésticos de origem africana por outros, a saber, advindos da Europa. Em *Quincas Borba*¹⁰ de Machado de Assis e em *Filomena Borges*¹¹ de Aluísio Azevedo essa substituição é situação narrativa, explicitando-se o caráter de mudança do perfil do empregado doméstico. Não se confia mais a casa ao descendente de escravo, mas ao europeu que é visto de modo positivo por ser branco, mais educado e civilizado. Sua

9 A esse respeito consultar Schwarcz (1993) que trata sobre a questão das discussões brasileiras sobre mestiçagem, política de embranquecimento, teorias eugenistas, de orientação monogenista e poligenista que acirravam os ânimos nas faculdades de Direito e Medicina e outros institutos importantes no final de oitocentos no Brasil.

10 Leia-se a seguinte passagem esclarecedora: “O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter **criados brancos**. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços”. (Machado:10-11)

11 Leia-se o seguinte excerto em que na fábula a heroína deseja substituir a criadagem a fim de obter mais prestígio na sociedade “Para a cozinha preferia um chim; para o serviço da copa um inglês, um groom legítimo, e para sua criada grave alguma cousa de francesa ou russa ou espanhola, uma criada, enfim, **que não fosse de cor**, nem tivesse a menor sobra de portuguesa”. (Azevedo:42) (Grifos nossos)

presença engrandece o proprietário e embranquece a sua casa e a sociedade em um projeto maior de alteração de perfil social. É o Brasil que se quer definir em outra chave civilizatória. Busca outra identidade, outras práticas e outras matrizes. Deseja apagar a história escravocrata de sua genealogia. Outra identidade nacional deve nascer e o europeu é agora chamado a trabalhar dentro da casa em vez do escravo alforriado. Novos empregados, agora, não mais nas casas-grandes, mas nas mansões dos industriais, dividem o cotidiano de seus patrões. O discurso literário vai dando conta dessas alterações sociais, apresentando-se como respostas a uma época. As obras são enunciações, respondendo a questões dadas no cotidiano nacional.

O novo perfil do empregado doméstico: a formalização discursiva em Mário de Andrade

Na obra em tela, essa mudança de paradigma no interior da casa vai revelando a alteração do perfil social na sociedade da Primeira República. Em resumo, o romance trata, no período da República Velha, das relações domésticas e empregatícias entre Elza, ou Fräulein, a governanta de origem alemã, e a família de industriais do ramo têxtil de São Paulo (Felisberto Sousa Costa e D. Laura), os Souza-Costa. A família a contrata com o fito de instruir e educar o filho (Carlos Alberto) e as filhas (Maria Luísa, Laurita, Aldina), no ambiente doméstico. Também é contratada para iniciar sexualmente o filho. Elza denomina-se Fräulein, ou seja, professora na língua alemã.

O romance é elaborado em terceira pessoa e o excerto a seguir exemplifica muito bem como ocorre no decorrer da obra as relações discursivas entre o narrador e o herói, no caso Elza ou Fräulein. No trecho, o narrador apresenta a sua heroína, utilizando-se de composição bivocal o que ocorre em toda a enunciação romanesca como um padrão discursivo. No fragmento, apresenta-se a alteração identitária do trabalhador brasileiro após a Abolição da Escravatura e a vinda dos imigrantes europeus. O contexto narrativo apresenta essa mudança, alternando os registros discursivos, ora do narrador, ora da personagem principal, fornecendo-nos o novo papel identitário do universo laboral a partir de duas vozes:

(...) em que companhia horrorosa a gente Sousa Costa foi se meter! porém no Brasil é assim mesmo e nada se pode melhorar mais! os empregos brasileiros rareiam, brasileiro só serve pra empregado-público. Aqui o copeiro é

sebastianista quando não é sectário de Mussolini. Porém os italianos preferem guiar automóveis, fazer a barba da gente, ou vender jornais. Se é que não partiram pro interior em busca de fazenda por colonizar. Depois compram um lote nos latifúndios tradicionais, desmembrados em fazendas e estas em sítios de dez mil pés. Um belo dia surgem com automovelão na porta do palacete luís-dezesseis na avenida paulista. Quem é, heim? É o ricaço Salom qualquer-coisa, que não é nome italiano mas, como verdade, é também duma exatidão serena. Porém se o copeiro não é fascista, a arrumadeira de quarto é belga. Muitas vezes, suíça. O encerador é polaco. Outros dias é russo, príncipe russo. E assim aos poucos o Brasil fica pertencendo aos brasileiros, graças a deus! Dona Maria Wight Blavatsky, Dona Carlotinha não-sei-que-lá Manolo. Quando tem doença em casa, vem o Dr. Sarapião de Lucca. O engenheiro do bangalô neo-colonial (Ásia e duas américas! pois não: Chandernagor, Bay Shore e Tabatingüera) é o Snr. Peri Sternheim. Nas mansões tradicionalistas só as cozinheiras continuam ainda mulatas ou cafusas, gordas e pachorrentas negras da minha mocidade!... Brasil, ai, Brasil! (Andrade, 2002:97)

Esse trecho exemplifica as opções formais do escritor que são hegemônicas na configuração discursiva do romance como um todo, ou seja, o romance é narrado em terceira pessoa por uma voz narrativa ora vinculada à personagem principal, Elza, ora em exotopia a ela. O enunciado se constitui de pelo mínimo duas vozes principais, ou seja, parte de dois sujeitos, advindo tanto do campo de visão de Elza quanto do campo de visão do narrador. Tanto Elza quanto o narrador mobilizam vários discursos sociais para definirem as alterações laborais, demonstrando que estas modificam, inclusive, a identidade nacional. Os discursos políticos como o Facismo e o Sebastianismo; os discursos econômicos (a configuração das profissões); os discursos culturais (a referência à personagem Peri de José de Alencar), os discursos de miscigenação (as fusões de nomes próprios de origem tanto estrangeira quanto indígena) vão adentrando o enunciado e nas vozes tanto de Elza quanto do narrador passam por valorações diferentes, ora sendo percebidas em chave positiva, ora em negativa. Essa realidade discursiva, que circula no meio nacional daquele momento, adentra o enunciado, sendo estilizada, valorizada, depreciada, dependendo da voz que a emite. A bivocalidade apresenta-se tanto em conflito entre as vozes quanto em consonância. O narrador é parcialmente solidário à voz de Fräulein, sendo-lhe íntimo e simpático, mas também dela se afasta, recriando-a de modo distanciado, fazendo-lhe a crítica. O movimento é de aproximação e afastamento das vozes dentro de um mesmo enunciado. A opção

formal pelo discurso indireto livre, em que dois enunciados comungam do mesmo contexto enunciativo, acarreta posições axiológicas complexas. No início do trecho, a voz de Fräulein indica uma reprovação dada pelo vocábulo “horrorosa”, criticando a miscigenação do povo brasileiro. Aqui, Elza mobiliza o discurso arianista, de pureza étnica, cobrando dos brasileiros uma postura mais rígida que afastasse o perigo da invasão cultural estrangeira. Percebe-se, como se verá em outras passagens do romance, que Elza apresenta a sua posição ideológica a partir de solilóquios. Essa voz, cujo interlocutor não é concretamente explícito, ocorre em virtude da posição social inferior de Elza visto que ela não é paga para emitir opiniões sobre os brasileiros e sim para apenas informá-los, repassando a eles um saber erudito, mas não crítico. Elza não pode expor as suas ideias publicamente, principalmente se essas desmerecem o brasileiro que é quem paga o seu salário. Entretanto, via discurso literário, Mário de Andrade, por intermédio da voz narrativa, a faz discursar e se expor. Esse monólogo, no entanto, é dado pelo contexto narrativo e, a partir daí, o narrador o colore com a sua voz. No excerto, o contexto narrativo apresenta a nova configuração étnica e híbrida da sociedade brasileira, em tom múltiplo. A hibridização cultural é construída de modo axiológico-discursivo, ou seja, a partir de valores da personagem e do narrador, visto que ambos instituem o enunciado com suas falas. O narrador está colado à Fräulein, mas também dela distanciado. Há simultaneamente reprovação, aprovação e saudosismo no excerto. A desaprovação está claramente anunciada nas duas primeiras linhas em que a voz de Fräulein se destaca, contrariada com os brasileiros, vendo-os de fora, reprovando-os visto que os estrangeiros dominam tanto o cenário laboral quanto o econômico. Tanto Fräulein quanto o narrador se incomodam com a mudança de perfil societal do Brasil. Fräulein talvez por se sentir inferiorizada, mas dependente dos brasileiros, vê o estrangeiro tomando o protagonismo nacional e reprova a atitude dos brasileiros em não terem soberania em relação ao imigrante. Já quando o enunciado avança, vemos o narrador irromper, inclusive pela expressão “fazer a barba da gente” o que se distancia do enunciado da personagem feminina. Na voz do narrador há menos reprovação e mais benevolência com o perfil híbrido da sociedade brasileira. Essa voz apresenta um panorama da vinda dos imigrantes e sua hibridização em uma cultura local que vai formando um Brasil “arlequinal” e multiétnico em que os “peris” se associam aos alemães e outras etnias. Todavia, o narrador, além de se admirar frente ao perfil multiétnico do Brasil e aceitá-lo, é também saudosista. Sua voz irrompe no enunciado, remetendo-o às suas memórias de infância, a um Brasil residual, rememorando a relação

escravista a partir de uma chave positiva em que relembra o convívio com o empregado doméstico de origem africana, recuperando um Brasil anterior à narrativa, colonial e imperial. O cronotopo do presente (República Velha) mostra a realidade multicultural e do imigrante europeu alemão; já o cronotopo do passado, revisita um Brasil escravista em que o africano era o trabalhador majoritário. Dois momentos axiológicos se confrontam no interior do enunciado: Fräulein desaprova a pluralidade étnica e cultural e o narrador a aprova, mas com saudosismo, decepcionado com a quase ausência de empregados domésticos mulatos e africanos no interior da casa brasileira. Uma nova identidade para o trabalhador brasileiro, advindo da imigração europeia mais recente, vai surgindo desse trecho, demonstrando que a literatura também é fonte de registro histórico. O enunciado é riquíssimo em termos culturais e discursivos, pois aí, percebem-se as tensões axiológicas advindas da mudança identitária nacional nas lentes tanto de um discurso local, o do narrador, quanto na perspectiva do discurso do outro, do estrangeiro. O enunciado reporta a uma condição cronotópica dual, ou seja, a um tempo e espaço que tanto indicam o presente da República Velha quanto o Brasil imperial e colonial, surgindo daí o tom de surpresa, descontentamento e aceitação pela nova configuração étnica e de saudosismo pela ausência de um protagonismo africano nos novos tempos. No enunciado, percebemos vários discursos da época, ou seja, do arianismo, do sebastianismo, do facismo e da miscigenação racial e cultural tanto positiva quanto negativa que circulavam na “ideologia do cotidiano” e que Mario de Andrade faz migrar para o interior do texto literário, que é essencialmente composto de um conjunto discursivo complexo.

O excerto citado destaca a nova ordem para o trabalho doméstico e é a partir dessa perspectiva que investigamos o romance *Amar, Verbo Intransitivo, um idílio*, de Mário de Andrade em que se tematiza essa questão. Na obra, demonstra-se claramente uma nova configuração laboral, ou seja, o trabalhador doméstico deve possuir certa cultura e ser civilizado para adentrar os palacetes das famílias ricas paulistanas. O fluxo não é mais o da senzala para a casa-grande e sim da Europa pobre para o Brasil. Nesse período, o afluxo de imigrantes da Itália e Alemanha é grande. As Américas são vistas como uma oportunidade de ganho material.

A voz narrativa vai apresentando a governanta em situações narrativas concretas e também a partir de uma linguagem descritiva em que há claramente o objetivo de apresentar o imigrante, sobretudo o alemão, como nova etnia a configurar a sociedade brasileira e o mundo do trabalho. Elza representa a ordem, a objetividade, o projeto

planejado que não se desvia de seu intento. Essa outra matriz étnica está presente na realidade e Mário vai dando o seu testemunho literário sobre ela. No excerto a seguir, o contexto narrativo se configura primeiro por narrar uma situação particularizada, ou seja, a entrada de Elza na mansão paulista como governanta. Essa informação é dada por intermédio, de uma fala despreziosa, de cronista e bastante coloquial. Porém a descrição e apresentação particularizada de Elza é extrapolada e ocorre uma possível definição generalista para os imigrantes alemães a partir de um discurso mais analítico de chave antropológica, delineando tanto a identidade de Elza quanto a dos alemães. Parte de um concreto, atingindo uma certa generalização, sem deixar de se instituir também com certa estereotipia discursiva étnica por parte do autor:

Fräulein" era pras pequenas [as filhas do industrial] a definição daquela moça... antipática? não. Nem antipática nem simpática: elemento. Mecanismo novo da casa. Mal imaginam por enquanto que será o ponteiro do relógio familiar. (Andrade:54)

Mas não tem dúvida: isto da vida continuar igualzinha, embora nova e diversa, é um mal. Mal de alemães. O alemão não tem escapadas nem imprevistos. A surpresa, o inédito da vida é pra ele uma continuidade a continuar. Diante da natureza não é assim. Diante da vida é assim. Decisão. Viajaremos hoje. O latino falará: viajaremos hoje! o alemão fala: viajaremos hoje. Ponto final. (Andrade, 2002:54)

O trabalho de Elza apresenta caráter imaterial visto que está ligado a ensinar música, a tocar instrumentos como o piano, a aprender outras línguas, a usar a etiqueta social para as filhas e filho do casal. Trabalha com um fito bem específico, pois o ideal da personagem é trabalhar em casa de famílias ricas, economizar e voltar à Alemanha para se casar. Perceba-se que Elza exerce o trabalho imaterial e intelectual, revelando-se claramente uma preocupação da elite em bem formar os seus filhos. Longe se está dos séculos anteriores em que Gilberto Freyre descreve as mucamas a rezar, a cantar, a ensinar a falar os sinhozinhos e sinhazinhas. As mucamas não detinham a cultura erudita como Elza. A governanta possui uma cultura letrada e erudita alemã e ocidental e deverá ser a preceptora dos filhos. “É a casa brasileira a se civilizar”. Metáfora para um Brasil que deseja entrar na ordem da modernidade, deixando para trás a economia e cultura escravistas. Porém, afora esse contrato de professora de cultura e erudição, há outro acerto com o industrial, ou seja, ela deve iniciar o herdeiro na vida sexual. Distante se está também dos períodos anteriores em que os sinhozinhos se iniciavam

com as escravas, gerando, inclusive, os elementos mulatos. Aqui se percebe que não só a mente de Elza serve à elite, mas também o seu corpo. Isso nos remete ao contexto imediato histórico-econômico em que com a mudança de paradigma econômico, exigese a alteração do trabalhador. Não mais o escravo do eito, semi-desqualificado¹², mas o imigrante, sua mente e seu corpo para trabalhar nas indústrias têxteis e alimentícias e outras que se implantavam no Brasil da Primeira República. Os milhares de imigrantes que para aqui vieram, já detinham a tecnologia da maquinaria proveniente da revolução industrial inglesa do século XVIII e XIX. Lá também eram vinculados, em boa parte, a partidos socialistas, comunistas e anarquistas. Desse modo, trouxeram a habilidade com a máquina mecanizada para a indústria, mas também outra visão política de luta e resistência, formando os sindicatos, associações e jornais operários de início do século, como também foram os responsáveis pelos movimentos grevistas e ludistas. Assim, esse novo trabalhador mostra-se afeito à batalha contra o capital e não se sente intimidado pelos patrões. Luta pelas suas conquistas a partir de associações o que vai desencadeando em uma mudança nas relações entre capital e trabalho, sobretudo, na legislação trabalhista que se altera e intensifica. O corpo e a habilidade intelectual do trabalhador são agenciados para uma nova configuração do universo laboral. Este, no entanto, não se dá sem resistência do trabalhador já formado dentro de um contexto europeu de reivindicações. Elza representa, em parte, esse novo operariado, cujas relações com o patrão são impessoais e mercantilizadas, mediante contrato e não mais afetivas e de submissão. Sua mente e seu corpo passam por um processo de mercantilização acordado entre ambos a partir de relações de trabalho livres e assalariadas. Mario de Andrade dá voz a esse imigrante e lhe fornece uma narrativa de vida dentro do romance. Apresenta-se um narrador que tanto se distancia de Elza quanto se aproxima dela, configurando um discurso que tanto cria uma personagem única quanto a generaliza. Esse expediente formal típico do discurso literário permite ao escritor vincular a micro história pessoal à macrohistória econômica e política nacional. Veja-se que, no excerto, Elza é dada pelo discurso do narrador em que a chave econômica das relações impessoais e despersonalizadas no universo laboral já a definem

12 Escravos assenzalados nas grandes platagens de cana-de açúcar e de café, não dispunham de qualificação especializada. Podiam ser substituídos facilmente devido à padronização do trabalho, Gorender (1992) assevera: “ Por fim, dado o tipo de mão-de-obra, a divisão qualitativa do trabalho no interior da plantagem escravista implicava escassa especialização individual. Afora uns poucos ofícios, entregues ou não a assalariados, a regra geral para os escravos consistia na intercambialidade de funções. De acordo com as exigências momentâneas do estabelecimento, o mesmo escravo estaria empenhado nas tarefas agrícolas, no beneficiamento, no transporte ou em qualquer setor de trabalho carente de baixa qualificação” (Gorender, 1992:84)

como “mecanismo” de uma engrenagem. Na sequência, o enunciado a constitui em chave antropológica étnica, definindo-a por estereótipo cultural, apresentando-a como rígida e inflexível, assim como todos os alemães. Em contraponto, dá-se o perfil do brasileiro, outro estereótipo, o da flexibilidade de caráter. Em um pequeno trecho, o narrador mobiliza várias vozes advindas do universo cotidiano, da antropologia e da economia para formalizar tanto a sua Elza quanto os demais alemães extraliterários. O discurso romanesco vai agenciando e mobilizando falas sociais e identificando alguns segmentos étnicos no Brasil.

A fábula, apesar de apresentar o imigrante como determinado e racional, também mostra um outro lado desse elemento, pois Elza, ao iniciar o rapaz na vida sexual, acaba por se apaixonar por ele. Todavia, não se desvirtua totalmente de seu propósito e de sua labuta, deixando a mansão dos Souza Costa assim que termina o seu ofício e segue para trabalhar em outras casas da elite paulista, exercendo a mesma atividade. Embora haja o componente amoroso, esse não oblitera os seus objetivos materiais que são a economia pecuniária e a volta para a Alemanha. Elza afasta-se do rapaz quando termina seu trabalho.

Dessa conjugação carnal, no entanto, não surgem filhos bastardos, ou seja, o elemento português agora, transformado em industrial, apenas se utiliza do trabalho do outro de modo mais impessoal, não se afeiçoando a ele e não se miscigenando. É o paradigma burguês do universo do trabalho que se faz mais forte e direciona as relações de modo mais impessoal. Outro fator aí diferenciado em relação a esse novo trabalhador é que ele não se sente inferior ao brasileiro. A iniciação sexual não tem para Fräulein um aspecto de prostituição, mas de missão, de higienização da raça mais fraca, ou seja, a superioridade cultural e eugênica de Fräulien em relação ao brasileiro. No excerto a seguir, a fala de Fräulein abriga discursos eugênicos que circulavam na sociedade de início do século XX. A voz da personagem analisa a sociedade brasileira a partir de um ponto axiológico específico que se constitui por intermédio de vozes que destacam as teorias de degenerescência e superioridade racial. O discurso interior de Fräulein passa por um processo de generalização e abarca toda a comunidade alemã. A voz de Elza é permeada de vozes da época em que a questão eugênica estava em voga:

(...) vejam por exemplo a Alemanha, que-dê raça mais forte? nenhuma. E justamente porque mais forte e indestrutível neles o conceito da família. Os filhos nascem robustos, as mulheres são grandes e claras. São fecundas. O nobre destino do homem é se conservar sadio e procurar esposa

prodigiosamente sadia. De raça superior, como ela, Fräulein. Os negros são de raça inferior. Os índios também. Os portugueses também. Mas esta última verdade Fräulein não fala aos alunos. Foi decerto lido a vez em que um trabalho de Reimer lhe passou pelas mãos: afirmava a inferioridade dos latinos. Legítima verdade, pois quem é Reimer? Reimer é um grande sábio alemão. Os portugueses fazem parte duma raça inferior. E então os brasileiros misturados? Também isso Fräulein não podia falar. Por adaptação. Só quando entre amigos de segredo, e alemães. Porém os índios, os negros quem negará sejam raças inferiores? (Andrade, 2002:63)

Perceba-se, nesse trecho, que a voz do narrador e a voz da personagem se misturam, mas podemos divisar as diferenças. A linguagem oscila entre afirmativas quase impessoais como se fossem retiradas de uma tese que referencia uma autoridade alemã na figura do intelectual Reimer. Elza recupera o discurso do intelectual para se autoconvencer da inferioridade brasileira. Porém, dentro desse contexto narrativo, irrompe no enunciado, uma voz em terceira pessoa que fala sobre Fräulein e sua impossibilidade de exprimir o que pensa visto que depende do empenho e não poderá afirmar para seus patrões que eles são inferiores. O narrador fala dela para o leitor, revelando as limitações da personagem. O enunciado de Fräulein também veicula uma gradação, ou seja, está convencida da inferioridade do negro e do índio, remetendo aos discursos raciais contemporâneos a ela. Porém, quanto aos portugueses não é tão peremptória. A sua fala está contaminada pelas relações de poder entre patrão e empregado, viabilizando-se de modo cauteloso ao identificar o português como raça inferior. Mário de Andrade aí mobiliza os discursos externos à narrativa que enfatizavam as diferenças raciais e circulavam no cotidiano nacional e internacional de onde vem Fräulein. A personagem acredita neles, mas não os pode proferir visto que a condição de seu trabalho mercantilizado a impede. O discurso de Fräulein só pode se dar via discurso interior para si. O narrador, todavia, o põe a descoberto via contexto narrativo e, pode fazê-lo, por estar colado à personagem. A voz de Fräulein se torna pública via discurso literário, mas enquanto posição específica e particularizada não pode vir a lúmen, pois não pode emitir críticas aos patrões. A interdição do discurso é explicitada uma vez que Elza se vale de solilóquios para reprovar a vida dos brasileiros. A questão econômica interdita o discurso. Ele só é possível em solilóquio, mas o narrador o evidencia.

O perfil do trabalhador está mudando e a literatura brasileira vai dando o seu testemunho sobre tal alteração. Na casa em questão, há outro empregado doméstico,

uma espécie de mordomo, Tanaka, de origem japonesa. Só as cozinheiras são mulatas ou cafusas, ou seja, exercem apenas o trabalho material e não comungam da intimidade com os patrões como outrora ocorria. Houve um branqueamento da criadagem, muito influenciada pelas discussões sobre eugenia que datam do século XIX e que eram ainda fortes no século XX, haja vista que, na sequência do período histórico posterior, nas décadas de 20 e 30, ocorreu o fortalecimento do arianismo.

O universo do trabalho, portanto, evidencia alterações. No novo cenário da Primeira República, com o advento da industrialização de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, carecesse-se de outra mão de obra, ou seja, mais especializada para operar a maquinaria das indústrias têxteis e alimentícias em especial. O escravo alforriado também aí adentra, mas em menor número. Há uma substituição de mão de obra. Operários que manejam a nova tecnologia são bem vindos pelos empresários e industriais. Esse operariado, além de estar qualificado para operacionalizar a maquinaria, possui também uma cultura vinculada aos valores europeus, liberais-burgueses, anarquistas, socialistas e comunistas. Além disso, também comunga de ideias sobre superioridade racial, não se submetendo facilmente ao jugo dos industriais brasileiros haja vista as greves, o ludismo e a modificação das leis trabalhistas, fruto das lutas operárias.

Vemos também que não é mais uma batalha somente racial, mas também outra, ou seja, entre capital e trabalho. Elza, em parte, representa essas mudanças no cenário laboral e de identidade nacional. Sua presença atesta a vontade da elite local de embranquecer o domínio doméstico, o âmbito laboral e a sociedade, afastando-se de um passado colonial e imperial em que o trabalho escravo era o propulsor da economia agro-exportadora. Esse desejo de enfraquecer as matrizes africanas de nossa formação é atestado em várias passagens do livro, envolvendo as personagens de origem portuguesa. Como exemplificação, citamos a seguir um trecho em que o narrador insere, na descrição da matriarca, D. Laura, e de seu esposo, o industrial, as expressões, “negrores nítidos” e “ondulações suspeitas”, indicando a origem africana da elite brasileira portuguesa. O narrador é íntimo da família Souza Costa, conhece-os e os insere-se no seu campo de visão, revelando-lhes uma genealogia que desejam esconder. O excedente de visão do contexto narrativo aponta para um cenário extraliterário em que o Brasil das elites ânsia por se embranquecer, obliterando suas raízes e passado étnico de matriz africana. A literatura vai contando, a partir do cotidiano das personagens, a neutralização da miscigenação com o elemento africano:

Souza Costa usava bigodes onde a brilhantina indiscreta suava negroses nítidos. Aliás todo ele um cuité de brilhantinas simbólicas, uma graxa, mônada sensitiva e cuidadoso de sua pessoa. Vinha de portugueses. Perfeitamente. (...)

(...) em tempos de calorão surgiam nos cabelos negros de dona Laura umas ondulações suspeitas. Usava penteadores e vestidos de seda muito largos apenas um gesto e aqueles panos e rendas e vidrilhos despencavam pra uma banda afligindo a gente. Meia malacabada. Era maior que o marido, era. Lhe permitira aumentar as fabricas de tecidos no Brás e se dedicar por desfastio à criação do gado caracu.(grifo nosso).

(...) E quem diria que Souza Costa não era bom marido? Era sim. Fora tão nu de preconceitos até casar sem por reparo nas ondas suspeitas dos cabelos da noiva. Em bem me lembro que ficaram noivos em tempo de calorão... Dona Laura retribuía a confiança d marido, esquecendo por sua vez que bigodes abastosos e brilhantados são suspeitos também. (Andrade, 2002:55)

Tanto a mente quanto o corpo de Fräulein são agenciados pela elite, mas aqui, as relações entre capital e trabalho são já orientadas por uma ótica menos senhorial em que o compadrio, o apadrinhamento e a mestiçagem estão enfraquecidos. Os acertos e contratos entre Elza e a família se dão de modo impessoal e comercial. Também há em Elza a crença na superioridade do imigrante que exerce o trabalho como missão para orientar, nos caminhos da civilização, o povo brasileiro. O trabalho imaterial que exerce lhe confere um *status* visto que ensina aos filhos dos brasileiros a cultura civilizada. Corpo e mente conjugados no trabalho a partir de uma perspectiva de superioridade cultural europeia. No trecho a seguir, o narrador apresenta a cultura letrada de Elza. Isso ocorre em outras passagens da obra também, indicando a superioridade cultural da governanta em relação aos patrões. Todavia, apresenta a personagem de forma crítica, com visão exotópica, pois assinala a ausência de juízo estético de Elza. A governanta lê de modo mecânico grandes obras por lhe faltar autonomia de leitura e crítica.

Fräulein tinha poucas relações na colônia, achava-a muito interesseira e inquieta. Sem elevação. Preferia ficar em casa nos dias de folga relendo Schiller, canções e poemas de Goethe. Porém com as duas ou três professoras a que mais se ligava pela amizade da instrução igual, discutia Fausto e Werther. Não gostava muito desses livros, embora tivesse a certeza que eram obras-primas. (Andrade, 2002:67)

No trecho também temos outra revelação em relação aos imigrantes, pois o narrador, colado à Elza, desvenda outra possível faceta dos alemães. Na visão da personagem, a maioria deles apresenta um caráter não confiável. Elza se destaca e lhes é superior, tendo raros amigos mesmo dentro da comunidade alemã. Daí se depreende que a personagem não é igual a todos, embora, em parte, manifeste seu caráter mais generalista como salientamos anteriormente. Essa oscilação entre o particularismo e a generalização é também expediente formal característico do discurso literário, pois o escritor não está escrevendo teses e tratados genéricos sobre classes sociais e tipos culturais. Isso é típico do discurso de viés sociológico e histórico. Dá vida, posição axiológica e, sobretudo, voz para as personagens, configurando-as como sujeitos particularizados, mas que estão inseridas em uma condição cronotópica.

Percebe-se que a família Souza Costa detém o poder pecuniário, mas o trabalhador detém o saber erudito. Há aí uma relação não só de submissão e subordinação porque ela não envolve somente o trabalho material mecanizado, padronizado e alienado. Embora Elza seja um “mecanismo” da engrenagem como citado anteriormente, é também alguém que pensa, sente, analisa e sofre. Para Fräulein, o trabalho é fonte de várias significações, a saber, sobrevivência e sonho, pois deseja voltar à Alemanha, e também se configura como missão haja vista que se sente superior ao seu pupilo. O amor que vende, no entanto é intransitivo, tanto para ela quanto para o seu aluno, pois já se encontra em um novo paradigma liberal-burguês de compra e venda de um produto dentro de relações mercantis e impessoais. Daí o título do livro, ou seja, o amor é intransitivo, pois é uma relação mercantilizada. No trecho a seguir, o casal Souza discute o trabalho de Elza. Na fala do patriarca constata-se a relação mercantil do empreendimento. O marido justifica para a esposa a contratação de Fräulein para a iniciação sexual do filho:

Eu acho melhor, Laura. Francamente: acho. Fräulein falava tudo pra ele, abria os olhos dele e ficávamos descansados, ela é tão instruída! Depois pregávamos um bom susto nele. (se ria.) Ficava curado e avisado. Ao menos eu salvava a minha responsabilidade. Depois não é barato não! tratei Fräulein por oito contos! sim senhora: oito contos, fora a mensalidade. Naturalmente não barateei. Mais caro que o Caxambu que me custou seis e já deu um lote de novilhas estupendas. Mas isso não tem importância, o importante é o nosso descanso. (Andrade, 2002:137)

A partir do trabalho, Elza se constitui como ser social, podendo por intermédio da atividade laboral, demonstrar sua superioridade cultural em relação aos brasileiros,

percebe-se imbuída de uma missão à medida que se vê de raça superior e isso mitiga o contrato de relação carnal que acerta com o industrial. Além disso, o trabalho proporciona a sua sobrevivência material e alimenta o seu sonho que é de retornar à pátria natal. A passagem a seguir atesta a diferenciação entre o discurso de quem é local, o narrador, e o discurso do estrangeiro dado a partir das lentes de Elza. Ela se sente isolada, no exílio em terras brasileiras. Seu intuito é retornar. É uma “canção do exílio” às avessas para o estrangeiro. Entretanto, o sonho da volta é cerceado pela realidade circundante. O estrangeiro vai sendo assimilado pela cultura local. O narrador apresenta o fluxo de consciência de Fräulein entremeado pelas vozes da multidão carnavalesca e também pela concretude da aparição de Carlos a quem Elza se vinculou, em parte, emocionalmente. A Alemanha está no sonho, no discurso interior, e o Brasil está na situação concreta que a rodeia e circunda, alterando e enfraquecendo esse devaneio. A bivocalidade do enunciado é uma constante na obra como já vimos em situações narrativas anteriores. Interessante notar a construção discursiva do trecho, pois duas vozes habitam o enunciado, uma resultado de sua fala interior e outra advinda do meio e das vozes carnavalescas da multidão. Parece que Elza só pode apresentar um fala particularizada se esta for isolada do meio externo, ou seja, estiver na condição de “em si”. Novamente Mario se utiliza desse expediente composicional. A voz interna não pode circular publicamente. O empregado não pode dizer tudo que quer. Se o fizer, perde o posto que conseguiu. Todavia, a literatura lhe dá uma voz. Entretanto, as vozes externas que adentram o enunciado, ou seja, do meio social e cultural, neutralizavam os desejos e o discurso da personagem. O imigrante vai sendo assimilado pelo meio e perdendo a sua identidade, mas também formando o Brasil multiétnico. O embate discursivo entre discurso interior e vozes externas reinantes no mesmo enunciado é um expediente composicional que formaliza a realidade de aculturação e assimilação do imigrante em solo nacional. Esse pequeno trecho atesta como a linguagem literária capta essa luta de duas culturas veiculadas pelas vozes sociais e de Fräulein. O hibridismo das vozes é ainda atravessado pela figura concreta de Carlos por quem Elza se apaixonara e esse fato também altera seus sonhos, demonstrando claramente a diferenciação de classes sociais entre ela e ele e quão impossível é a relação entre os dois, ou seja, o amor intransitivo. Um é o empregado e outro o patrão. A relação é mercantil, mas Fräulein “instintivamente” lança uma serpentina em Carlos. Perceba-se que, aqui, o espírito ordenado, racional de Elza é suplantado pelo instinto, pelo gosto do ócio, da brincadeira, do amor descompromissado, pelas emoções. Entretanto, a fábula

nos mostra a impossibilidade dessa relação não mercantilizada. A seleção do vocábulo “instintivamente” já nos indica outra definição e manifestação de Elza:

Fräulein pensava, relando a vista pela multidão. Luís lhe desagradava (o novo pupilo). Não era o tipo dela. Nenhum desses brasileiros, aliás... queria alguém de puro, de humilde, paciente, estudioso, pesquisador. Chegaria da biblioteca, da universidade... qualquer edifício grande de pensamento, cheio de deuses disponíveis. Deporia os livros... cadernos de notas? sobre a toalha de riscado... lhe dava o beijo na testa... todo de preto, alfinete de ouro na gravata... nariz longo, muito fino e bem raçado. Aliás todo ele duma brancura transparente... e a mancha irregular do sangue nas maçãs... tossiria arranjando o óculos sem aro... tossia sempre... jantariam quase sem falar nada... serpentinas paulistas a dois e quinhentos! dois e quinhentos! A *pastoral* iriam no dia seguinte ouvir a *pastoral*... ele se punha no estudo... ela arranjava de novo ... alguém lhe chamou os olhos, conhecido, Carlos? Era Carlos com as irmãs na fiat. Instintivamente ela atirou uma serpentina. A fita rebentou. Deu um gritinho horrorizada (...). Carlos olhou. Mandou-lhe um gesto rápido de cabeça, quase saudação. E continuou brincando com a holandesa. (...) Fräulein virou o rosto para trás, seguiu-o com os olhos, quase amorosa mas já reposta no domínio de si. (...) Estava muito certo assim. Ele amaria aquela moça. Era bonita. Rica, se via. Casaria Carlos bem, na mesma classe. (Andrade, 2002:147)

O trabalho é também fonte de frustração à medida que se envolve amorosamente com o filho do patrão, e não é correspondida. Há aí um empecilho parcial. Há uma relação pessoal. Todavia, Elza se refaz e não se desvia de seus propósitos, mesmo porque há um contrato de trabalho já dentro da ordem burguesa e impessoal a ser mantido. Outros rapazes vão ser iniciados por ela. As relações de classe social são aí movidas pelo mercado e, portanto, o trabalho se inviabiliza como ontológico no sentido de realização humana plena. Vemos na sequência da narrativa que Elza continuará em sua labuta cotidiana e rotineira, sem alterar substantivamente a sua condição laboral.

Percebemos que *Amar, Verbo intransitivo* pode ser lido como uma metáfora para uma nova configuração social do trabalho na sociedade brasileira pós-escravidão. Esse novo cenário também aponta para uma mudança de identidade nacional, agora, incorporando o imigrante alemão, sobretudo, revelando um desejo de o Brasil das elites em adentrar outro fuso cultural, ou seja, o das ideias liberal-burguesas, tentando deixar para trás uma sociedade patriarcal, escravocrata, das relações de favor e compadrio. Obviamente que essa nova feição não se dá sem contradições, mas há sim uma nova

ordem, com especificidades locais, decorrente do processo de industrialização, imigração, Abolição da Escravatura e Proclamação da República. A leitura da obra a partir da articulação à realidade social e, em especial, ao cenário laboral da Primeira República, apresenta um novo olhar sobre essa obra e nos faz perceber as ligações entre texto e contexto imediato. A visão andradina, no entanto, é única e peculiar visto que se detém sobre o trabalho doméstico, que pode ser visto como uma metáfora parcial das relações entre trabalhador operário e capitalista. Entretanto, o foco não permite que Mário de Andrade conte também a história dos levantes e lutas operárias que sucederam no período em questão. Não foi o propósito do autor contar, via discurso literário, a saga do trabalhador europeu grevista e ludista e já com consciência de classe no início do século XX. A obra particulariza uma personagem que, em parte, traduz essas lutas operárias, dando-lhe uma especificidade cultural, axiológica e discursiva. Apresenta Elza no seu dia-a-dia, com seu discurso, com seus sonhos, com suas frustrações, particularizando-a. A literatura trabalha a partir de uma situação específica para atingir uma situação mais genérica. É a micro história em articulação com a macrohistória. Podemos, via discurso literário, investigar a temática do trabalho que é pouco vislumbrada nas leituras que se fazem das obras brasileiras. O universo do trabalho é formador de uma identidade nacional e a literatura também tem algo para nos contar sobre ele. O autor modernista, a partir do seu recorte, também formaliza outras temáticas que não foram o destaque deste artigo. A obra pode ser lida por intermédio de outros mirantes e isso a faz plural e aberta, revelando-se a sua complexidade discursiva.

O discurso literário permite, entre outras especificidades e diferentemente do discurso de dimensão histórica e sociológica, ver mais detalhadamente o trabalhador em sua intimidade e particularidade. O gênero romanesco, hegemonicamente, formaliza personagens individualizados que vivem, labutam, sofrem, amam, odeiam e se relacionam socialmente e, sobretudo, falam e discursam sobre isso. A partir dessas situações narrativas vão surgindo questões contextuais, históricas e econômicas que passam pelos particularismos das personagens que conferem certa concretude, humanidade e verossimilhança às situações. Já o discurso histórico, majoritariamente, debruça-se sobre classes sociais, etnias, gênero, vendo aí as generalidades e não as vidas particulares. A literatura permite ver o homem particularizado e individualizado e, a partir dele, as grandes questões históricas da qual ele faz parte constitutiva. Daí porque as análises do texto podem variar, sendo possível para a obra em tela ser investigada por outros mirantes que diferem desta pesquisa, ressignificando-se o texto a cada leitura.

Assim a obra se vincula ao seu contexto não só histórico, mas também mais amplo de leitura possíveis. Nossa Elza propicia uma certa história do trabalhador brasileiro dado pelas lentes da Literatura Brasileira, permitindo se observar uma nova temática para a leitura de um clássico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, Mário de. 2002. *Amar: verbo intransitivo*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 17 ed. vol. 2.

Assis, Machado de. 1955. Literatura Brasileira- Instinto de Nacionalidade. In: _____. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Jackson, p. 24-41.

Assis, Machado de. S/d. *Quincas Borba*. São Paulo: Formar.

Azevedo, Aluisio. 1977. *Filomena Borges*. São Paulo: McGraw-Hill.

Bakhtin, Mikhail; Voloshinov, V. N. 1986. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.

Bakhtin, M. 1988. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Editora Hucitec.

Bakhtin, Mikhail. 1997. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Bosi, Alfredo. 1992. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia da Letras.

Candido, Antonio. 1981. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia.

_____. 1985. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Engels, Friedrich. 1990. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Global.

Freyre, Gilberto. 1996. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 31.ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record.

Gorender, Jacob. 1992. *O escravismo colonial*, São Paulo, Ática.

Iglesias, Francisco. 1994. *A industrialização brasileira*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense.(Coleção tudo é história).

Lukacs, Georg. 1980. *The ontology of social being: Labour*. Londres: Merlin Press.

Martins, Wilson. 1983. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Marx, Karl. 1986. *A Maquinaria e a Indústria Moderna*. In: *O Capital: Crítica da Economia Política*. Trad. Reginaldo Santanna. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand.

Schwarz, Lilia Moritz. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

Schwarz, Roberto. 2000. As idéias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 34. ed. São Paulo: Duas cidades, p. 9-27.

